

## **DIAMANTINA – CIDADÃO HONORÁRIO**

**15 DE FEVEREIRO DE 2019**

**Desembargador Nelson Missias de Moraes  
Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais**

Ao me preparar para vir a esta cidade preciosa receber o meu troféu – sim, porque um título de cidadão honorário de Diamantina não é apenas um diploma, é um troféu – encontrei uns versos atribuídos ao “folclore íntimo” da cidade e que vou citar de início, pois eles é que irão inspirar a minha fala, como esses:

**“A vida é assim mesmo:**

**Ao lado do ideal,**

**Um prato de torresmo.”**

Não são apenas uns versos, são uma verdadeira filosofia de vida, filosofia que está impregnada na alma dos diamantinenses, segundo assegura o grande filho desta terra, mestre da arte de escrever certo, Aires da Mata Machado Filho. Mestre Aires, aliás, que estaria completando 110 anos no próximo dia 24, e que, com a licença de todos, irá me acompanhar ao longo destas breves palavras de agradecimento pela generosidade da Câmara de Vereadores ao me conferir o título de cidadão honorário da cidade.

Muito obrigado por esta generosidade, prezados vereadores Tarcisio Magno, proponente da homenagem, e Edivan Silva Soares, presidente da Câmara, a quem peço a gentileza de estender o agradecimento a todos os demais integrantes desta Casa. Cabe-me, ainda, registrar a honrosa companhia dos colegas Neanderson

Martins Ramos, juiz eleitoral da Comarca de Diamantina, e Tiago Ferreira Barbosa, juiz de Direito da 2ª Vara Criminal e de Execuções Penais da Comarca de Três Corações. Já éramos colegas de ofício e agora somos também conterrâneos.

Agradeço também ao mestre Aires, “faiscador das últimas pedras musicais do Tijuco”, como lhe chamou o poeta Drummond, por me lembrar que nessas casas e pelas ruas de Diamantina, vive “um povo diferente dos mais, de autenticidade consciente”. Um povo que, vivendo sob o signo do fugidio diamante, “nasce em cada aurora, como o sol de alegria multitudinária, e vive na esperança que se adia, tanto mais suscitadora de sonho e de progresso, quanto mais se difere para melhores dias, no descontentamento das vitórias alcançadas, por se saber sempre capaz de novos triunfos.”

Essa gente, essa cidade que tanto já deu a Minas e ao Brasil, bastando citar como exemplo o seresteiro e estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira, que não nos deu apenas Brasília, mas deu ao povo brasileiro esse sentimento de esperança, de fé no futuro e na capacidade de não esmorecer diante de derrotas “por se saber sempre capaz de novos triunfos”, como diz ainda o mestre Aires. JK, com sua alegria contagiante e seu dinamismo empreendedor, levou um pouco da esperança diamantinense ao povo brasileiro, que novamente anda precisando renovar a esperança, diante da crítica situação que atravessamos. Renovar a esperança e empreender, pois não podemos nos aquietar nem nos entregar ao desânimo.

E onde buscar a esperança?

Talvez na mesma fonte que deu origem a esta cidade e certamente ajudou muito a consolidar o espírito diamantinense: o garimpo.

O garimpeiro é, antes de tudo, um esperançoso, nos lembra mestre Aires, e volto novamente a ele, pois quero aprender suas lições para me compenetrar da minha nova condição de diamantinense honorário. Como o garimpeiro, quero “viver na esperança – a que não morre e não pode morrer tal a sempre-viva do campo”. Mas mestre Aires da Mata Machado adverte:

“Na esperança **se** vive e **se** há de viver; **da** esperança, não.”

Esta lição parece ter sido bem aprendida pelo povo diamantinense, desde a chegada por aqui dos colonizadores portugueses, ainda no século XVI, quando toda a região era ocupada por povos indígenas do tronco linguístico macro-jê. A partir da fundação do Arraial do Tejuco, em 1713, com a construção de uma capela que homenageava o padroeiro Santo Antônio, a localidade experimentou forte crescimento com a descoberta dos diamantes em 1729. Em fins do século XVIII, já era a terceira maior povoação da Capitania Geral das Minas, atrás apenas da capital Vila Rica, e com população semelhante à da próspera São João del-Rei.

Diamantina representou a maior lavra de diamantes do mundo ocidental no século XVIII, exploração que durante algum tempo foi ignorada pela coroa portuguesa, que logo passou a controlar com mão forte e a taxar a exploração.

A riqueza da cidade produziu também ricas histórias e personagens, a mais famosa delas a da escrava alforriada Chica da Silva, que se tornou esposa do homem mais rico do Brasil Colonial, João Fernandes de Oliveira, o contratador.

A emancipação da cidade veio em 1831, quando sua população já era maior que a do Serro, cidade à qual o arraial era vinculado. A evolução persiste, até que, em 1999, a cidade é reconhecida pela Unesco como "patrimônio da humanidade", para orgulho de todos nós.

Fiz este breve resumo da história de Diamantina porque queria demonstrar que pretendo ser um filho fiel desta terra e honrar o título que os nobres vereadores, representando o povo, me outorgaram. Sei que este título me confere até certa nobreza, pois, como disse Rodrigo Melo Franco de Andrade, aqui em Diamantina "até o mendigo guarda um ar de nobreza". Quero dizer a todos vocês que eu jamais os decepcionarei por terem me conferido o troféu de cidadão diamantinense.

E como é impossível ser filho de Diamantina sem cantar ou falar em modinhas, para sacramentar meu batismo de diamantinense, cometi a ousadia de parafrasear os versos de Teodomiro Alves Pereira para a modinha mais famosa daqui, composta por Modesto Antônio Ferreira. E é assim que termino:

**“É a ti, flor do Vale, que me refiro,**

**Neste treno de amor, nesta oração.**

**Obrigado por me acolher como seu filho,**

**O que faz palpitar meu coração.”**